

A episteme como estrutura-histórica: o estruturalismo em as palavras e as coisas.

Pedro Ragusa.

Cita:

Pedro Ragusa (2019). *A episteme como estrutura-histórica: o estruturalismo em as palavras e as coisas*. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/1654>



A episteme como estrutura-histórica: o estruturalismo em as palavras e as coisas

Pedro Ragusa¹

Resumo

O objetivo deste artigo é mostrar como a pesquisa arqueológica de Michel Foucault foi desenvolvida em *As Palavras e as Coisas* a partir da composição de um eixo teórico-metodológico híbrido, o qual, serviu de aporte para a prática de suas histórias arqueológicas nos anos sessenta. Partindo do princípio que o interesse do filósofo foi descrever como se constituíram historicamente as relações discursivas sobre os saberes através de uma perspectiva estrutural, a hipótese que mobiliza o fio condutor desse artigo será desenvolver um estudo que delimite como Foucault pôde introduzir a prática de um estilo de análise estrutural no campo da História das Ciências. Para desenvolver a hipótese proposta neste artigo será realizado um estudo sobre a introdução e uso do método estruturalista em *As Palavras e as Coisas*, assim, espera-se mostrar como o Estruturalismo aliado a uma reflexão posta pela Epistemologia francesa converte-se no método arqueológico, utilizado por Michel Foucault em seu projeto de descrição do surgimento, sucessões e rupturas históricas entre as Epistemes.

Palavras-chave

Metodologia – Arqueologia – Estruturalismo – Episteme.

Episteme as Structure-Historical: Structuralism in The Order of Things

Abstract

The aim of this article is to show how Michel Foucault 's archaeological research was developed from an interest in showing how historically the discursive relations about knowledge were constituted through a structural perspective. Thus, it can be said that there existed a style of structural analysis that served as contribution to the practice of his archaeological histories in the sixties. Considering that Michel Foucault developed his archaeological research in the sixties by the introduction of structural analysis in the domain of the history of the sciences, he was able to make a set of historical-structural descriptions about the discursive relations between the knowledge in different historical periods, called by him of Epistemes.



Keywords

Methodology - Archeology – Structuralism – Episteme

Introdução

O objetivo do presente artigo é mostrar a posição epistemológica assumida por Michel Foucault diante do estruturalismo ao se filiar a esse programa metodológico como um *teórico não especialista* (Foucault, 2011, p.59). O filósofo afirmou em uma entrevista na Tunísia em 1967, ter introduzido e utilizado elementos *teóricos-metodológicos* reconhecidos como “*estruturalistas*” para o estudo das relações discursivas entre os saberes de uma época com a introdução do conceito *de Episteme*. (Foucault, 2011, p.59). Assim, trata-se de apresentar o alcance e a conversão teórico-metodológico da arqueologia foucaultiana em direção ao estruturalismo para conhecer as rupturas e transformações linguísticas, e as diferenças histórico-epistemológicas entre os saberes de determinada época.

A posição de Michel Foucault com relação a introdução e o uso do método estruturalista em *As Palavras e as Coisas*, partiu de um interesse de pesquisa delimitado por uma problemática ofertada pela História das Ciências sobre as sucessões e rupturas históricas entre as Epistemes. Contudo, o filósofo não se dedicou a escrever um texto específico quanto ao seu uso sobre o Estruturalismo, bem como sobre as diferentes apropriações e abordagens do estruturalismo como fez Deleuze (Deleuze, 1974). Na verdade, ao contrário disso, pode-se encontrar na *Conclusão* de *A Arqueologia do Saber*, um posicionamento epistemológico posto por um esforço teórico para dissociar seu método arqueológico do Estruturalismo.

Mas, mesmo ao assumir posição contrária a compreensão de sua pesquisa como uma prática estruturalista², suas ideias e escritos sobre o estruturalismo enquanto programa de pesquisa teórico-metodológico, etapa da história do pensamento científico ocidental e produto da cultura intelectual contemporânea, estão dispersos em um conjunto de textos publicados principalmente nos anos seguintes ao lançamento de *As Palavras e as Coisas* entre 1966 e 1970.

Assim, a hipótese que serviu de fio condutor para esse artigo pode ser definida pela seguinte formulação: Michel Foucault, momentaneamente, durante a prática da arqueologia dos saberes desenvolveu um método para a descrição histórica-estrutural dos saberes ocidentais mediado por uma linguagem estruturalista e por um objeto estrutural através da noção de Episteme.



Episteme: uma estrutura-histórica para um estruturalismo sem estruturas

As descrições arqueológicas desenvolvidas em *As Palavras e as Coisas*, representaram a “tendência mais próxima do estruturalismo”, essa aproximação ao estruturalismo correspondeu a prática por parte de Foucault, de um estilo de análise que lhe permitiu encontrar exclusivamente a nível de uma descrição discursiva, quais foram “as regras estruturais que regem apenas os discursos”. Para o filósofo, essas regras estruturais não determinam a existência de um sistema ou modelo onde estariam os discursos sobre os saberes, mas sim, *as práticas discursivas* que possibilitam o aparecimento dos saberes em *diferentes épocas históricas*. Para desenvolver essa problemática, Foucault se esforçou para reter os aspectos formais das relações discursivas, “(...)”, isto é, ele deixou de lado seu interesse pelas instituições sociais e se concentrou quase exclusivamente, no discurso, sua autonomia e suas transformações descontínuas” (Dreyfus e Rabibow, 2010, p. 20-21).

Assim, realizando uma prática de pesquisa semelhante a um estruturalista, Michel Foucault, tentou separar, e isolar ao máximo possível as relações discursivas entre os saberes chamadas de Epistemes, para, posteriormente através da formalização das relações discursivas internas a cada Episteme descobrir as regras estruturais de auto-regulamentação dos discursos. Como afirmou Foucault:

Tal análise, como se vê, não compete à história das ideias ou das ciências: é antes um estudo que se esforça por encontrar a partir de que foram possíveis os conhecimentos ou teorias, segundo qual espaço de ordem se constituiu o saber; na base de qual a priori histórico e no elemento de qual positividade puderam aparecer ideias, constituir-se ciências, refletir-se experiências em filosofias, formar-se racionalidades, para talvez se desarticularem e logo desvanecerem (...) ao trazer a luz outra Episteme. (Foucault, 2007, p. XXVIII)

O conceito de *Episteme*, pelo qual Michel Foucault foi associado ao *Estruturalismo*, foi apresentado em 1966 de forma literal em sua produção bibliográfica, contudo as referências à noção de Episteme já haviam sido anunciadas teoricamente nas pesquisas arqueológicas anteriores sobre a *loucura* e a *prática médico-científica*. Essa noção conceitual, foi erroneamente reconhecida e recebida por certos críticos da inteligência francesa como uma variante para o termo Estrutura (Deleuze, 1974, p.303), razão pela qual posteriormente o termo acabou sendo suprimido de seu vocabulário, justamente para dissociar sua pesquisa do Estruturalismo strito senso. Logo, o filósofo utilizou-se do conceito de Episteme sem apropriar-se de forma sinônima a noção conceitual de *Estrutura*.



Dessa maneira, a Episteme além de objeto para a arqueologia dos saberes no livro de 1966, definiu o campo de análise para arqueologia de *As Palavras e as Coisas* como um conceito operatório reconhecido numa perspectiva histórico-estrutural para uma história das ciências. Através das descrições arqueológicas foi possível mostrar as transformações históricas destituídas de uma noção linear e progressiva sobre os saberes ocorrida no nível das relações discursivas, existindo três campos epistemológicos estruturalmente e historicamente definidos como: Episteme Renascentista: Idade da Similitude; Episteme Clássica: Idade da Representação e Episteme Moderna: Idade da Interpretação. (Gregolim, 2006, p. 79-80).

Antes de mostrar como o conceito de Episteme, no centro da problemática da arqueologia dos saberes fez referência a uma análise do tipo Histórico-Estrutural (Madaraz, 2006), faz-se necessário mostrar em que medida esse conceito não pode ser qualificado como um conceito Estruturalista a partir de uma noção de Estrutura em *strito senso*, e, como para a pesquisa arqueológica a noção de Episteme correspondeu a uma apropriação *histórica* sobre o Estruturalismo.

Episteme: estrutura histórica e descrição arqueológica

A definição conceitual sobre Estruturas que possam ser compreendidas através da introdução de modelos ideais, universais e sistêmicos em diversos aspectos da realidade empírica, correspondeu a uma prática científica bem-sucedida em diversas disciplinas científicas nos anos cinquenta e sessenta a partir dos estudos originários com a linguística. Mas em *As Palavras e as Coisas*, apesar de aparente proximidade conceitual, o objeto chamado de Episteme não deve ser associado a tradicional noção de *Estrutura* presente no *Estruturalismo da linha de Saussure*.

A noção conceitual chamada por *Episteme* foi introduzida e utilizada por Michel Foucault de maneira *oposta* quanto ao seu significado como a também por sua função explicativa com relação ao conceito de Estrutura oriundo com a linguística estrutural. A noção conceitual de *Estrutura* utilizada pelos estruturalistas, herdeiros do pensamento de Saussure, define-se por um objeto estrutural, o qual, existe enquanto uma forma, ou, um *modelo sistêmico* (Deleuze, 1974), sempre referente a um conjunto inter-dependente e articulado por elementos, isto é, a própria estrutura.

Assim, a noção conceitual de Estrutura delimitada pela linguística estrutural possui do ponto de vista da metodologia científica uma função muito precisa, pois, sua *função* explicativa sobre a realidade faz referência a uma perspectiva conceitual universal e sistêmica, dessa maneira, independente da realidade empírica a ser analisada, o



conceito teórico de Estrutura remete a compreensão de determinado objeto como um *conjunto* ou *modelo*, o qual não deve ser alterado historicamente, assim, independente dos elementos que possam ser articulados e relacionados no conjunto, o modelo permanece, seja como por exemplo, uma Estrutura linguística, social, familiar ou psíquica.

Contudo, a delimitação conceitual de Estruturas universais que possam servir para descrever e explicar a realidade tal qual ela é, a partir de modelos sistêmicos, pressupõe a caracterização dessas Estruturas como um conceito teórico posto por uma perspectiva sincrônica sobre a dimensão temporal. Nesse sentido, a noção de Estrutura foi comumente utilizada sem uma preocupação com mudança temporal e os acontecimentos de transformações e rupturas, dessa maneira, o conceito tornou-se tributário de uma perspectiva temporal reconhecida como *a-histórica*, onde os acontecimentos históricos não são relevantes como critérios explicativos para serem conhecidos cientificamente, visto, que a mudança histórica ocupa um nível superficial de explicação nessa realidade estruturada. (Dosse, 2007)

É justamente essa perspectiva Estruturalista sobre o conceito de Estrutura que não pode ser associada a noção de Episteme, ao menos na maneira com a qual Foucault a tenha introduzido no livro de 1966. Ao contrário da tradicional noção de Estrutura derivada do curso de Saussure, o conceito de Episteme *não foi empregado* com o interesse em mostrar os discursos sobre os saberes como elementos internos de *Estruturas universais, sistêmicas e anti-históricas*. O filósofo não descreveu estruturas atemporais, mas, preocupou-se em descrever as condições históricas de possibilidade para o aparecimento das regras estruturais que regem apenas o discurso. (Dreyfus e Rabinow, 2010, p.20-21)

Michel Foucault utilizou do conceito de Episteme com a intenção de mostrar as *transformações históricas* a partir das *rupturas* que provocam não a unidade discursiva num sistema fechado como o dos discursos sobre os saberes, mas, seu interesse foi mostrar a dispersão de sentidos dessas relações discursivas sobre os saberes, assim; *“dispersão mais do que Estruturas, que se impõe a nós sem que possamos compreendê-lo ou percebê-lo”*. (Veyne, 2011, p.173)

Nesse sentido, a típica noção de Estrutura Linguística desenvolvida pelos Saussurianos, delimitou um estilo de estruturalismo conhecido como *atomista*, o qual, não corresponde a mesma noção conceitual que Michel Foucault propôs com a noção de Episteme ao realizar sua arqueologia dos saberes. Foucault não procurou conhecer e mostrar a



existência de uma Estrutura para a acomodação dos discursos sobre os saberes, mas sim, *as regras para a organização dos discursos*, visto que estes são modificados historicamente, assim, o objeto estrutural de Foucault como mostrou Deleuze, é *móvel espacialmente* (Deleuze, 1974) e *modificável historicamente*.

Dessa maneira temos uma importante *diferença* entre o Estruturalismo em sua versão mais tradicional associada ao Estruturalismo linguístico de Saussure e o método da *Arqueologia dos Saberes*. Posto que essa diferença se mede pelos próprios objetos e objetivos de cada programa, isto é, o sentido da noção de *Estrutura Linguística* posta pelos adeptos do pensamento de Saussure em cada uma das disciplinas pelo qual esse método foi aceito, e fez funcionar o conceito de Estrutura possuiu princípios teóricos e um objetivo de explicação muito diferente daquele contido na noção foucaultiana de Episteme.

Entende-se que a noção de Episteme delimitou um “espaço simbólico e profundo” (Deleuze, 1974) onde os discursos postos pelos saberes estabelecem relações históricas modificáveis descontinuamente no tempo. Isto é, a Episteme “reúne” as relações discursivas em determinado período histórico justamente para mostrar como ocorre o processo de dispersão dos discursos produzidos nessas relações, contrariamente a uma Estrutura do tipo linguístico, a Episteme não deve ser reconhecida e associada a um conjunto ou modelo, delimitado pela somatória de elementos que compõe uma “unidade” para o *sentido-significativo* dos discursos. Mas, pela possibilidade de ordenação do campo discursivo sobre os saberes a partir da constituição histórica de relações.

Assim, na Episteme, os sentidos-significativos produzido entre as relações discursivas com o aparecimento dos saberes (ciências, objetos, sujeitos, teorias, métodos), ao invés de serem determinados e contidos em “formas” de significações representativas (signos, como conceitos ou palavras) a partir da aleatoriedade das relações discursivas, ao contrário, mas os saberes existem justamente através da dispersão temporal (histórica) de sentidos-significativos. Revel, aponta para um importante crítico quanto a interpretação da Episteme como um sistema unitário, coerente e fechado, pois de acordo com a autora, essa perspectiva implica afirmar que existe uma certa coação ou uma “sobre determinação” rígida para a existência dos discursos.

Ao contrário dessa perspectiva, Revel afirma que para Foucault, a Episteme de uma época não representa a soma dos discursos e formas de conhecimento dessa época, isto é, o estilo geral de práticas científicas, ou não científicas para o conhecimento em



uma época histórica, nesse sentido, o interesse conceitual do filósofo com o termo Episteme foi mostrar as variações, oposições e diferenças entre as múltiplas relações discursivas possíveis de serem postas num determinado período histórico. (Revel, 2010, p.34)

Contudo, foi somente após as críticas recebidas e posteriormente respondidas com a publicação de *A Arqueologia do Saber*, quando Foucault pôde dedicar-se a explicar como *não existem princípios de unidade* para os discursos quando investigados pelas descrições arqueológicas. Dessa maneira, a prática da análise arqueológica “anula” a unidade das relações entre os discursos, como por exemplo, em uma ciência. Dessa maneira, a dispersão de sentidos significativos produzidos nas relações discursivas pôde ser evidenciada durante as histórias arqueológicas de Foucault nos objetos e temas investigados, como por exemplo, o objeto loucura, a instituição médica, ou na psicologia como um saber, o homem e as ciências humanas, em suma, todos esses objetos foram compostos por relações discursivas derivadas por formações discursivas heterogêneas.

Então, se as relações discursivas existem como pontos de dispersão, pode-se pensar que os discursos são aceitos como sendo formados por relações que não foram postas por nenhum princípio de unidade. O aparecimento dos discursos como dispersão de sentidos e ausentes de princípios para sua unidade, implica que a descrição sobre as relações discursivas entre diferentes “formações discursivas” deva ser delimitada por *regularidades, ou regras de dispersão discursivas*.

Através da descrição da composição das relações entre os discursos como dispersão, e não pela unidade de seus sentidos, foi possível o filósofo mostrar (mesmo sem explicar detalhadamente) o momento das rupturas e transformações estruturais-epistemológicas entre as relações discursivas, e posteriormente como se deu a composição de uma nova organização para as relações discursivas entre os saberes, isto é, uma nova Episteme. Assim, Michel Foucault desenvolveu suas descrições com um interesse maior em conhecer as regularidades e *regras internas para a organização e transformação dos discursos*, ao invés de mostrar uma Estrutura universal que determine o significado dos discursos a partir da relação entre *Palavra e Coisa* (significante e signo) como um estruturalista Saussuriano.

Renascimento, Classicismo e Modernidade, além de nomenclaturas cronológicas para cada Episteme, representam que, em diferentes períodos históricos só pode existir *uma ordem* “espacial” para o estabelecimento das relações discursivas delimitada pela



ordenação histórica dos saberes, sendo a existência dessa ordem epistemológica para os discursos sobre os saberes anterior a própria consciência humana. Dessa maneira, com a intenção em reconhecer um “*espaço*” para o saber, o conceito de Episteme foi introduzido a partir de uma *análise topológica*.

Assim, as *Epistemes* são descritas através das condições de possibilidade para existência de determinadas relações discursivas, para a partir disso, estabelecer as positivities referente aos objetos que podem tornar-se discurso. Cada época histórica possui suas próprias para o aparecimento dos saberes, e isso se explica em razão do *sentido-significativo* produzido com a distribuição das relações de vizinhança entre os saberes no espaço epistemológico de uma Episteme.

Dessa forma, Michel Foucault procurou se utilizar de uma linguagem estruturalista sem de fato ser um estruturalista, para descrever *relações estruturadas do saber em cada período histórico*, e demonstrar que grandes formas de pensar como marxismo, fenomenologia e o próprio estruturalismo não passam de formas discursivas determinadas por regras históricas para a organização dos saberes.

Estruturalismo-histórico: a episteme como “A Priori Histórico -Epistemológico”

Michel Foucault situou sua pesquisa arqueológica numa posição metodológica estratégica com esse estilo de descrição discursiva, ele pôde efetuar tanto a prática de um estilo de estruturalismo, e ao mesmo tempo, realizar uma análise arqueológica da história das ciências a partir da descontinuidade histórica. Assim, a possibilidade em delimitar o uso de algum estruturalismo por parte do filósofo só poderia ser feita através de uma versão de um específico *Estruturalismo* introduzido em análises históricas, com o qual a noção de Episteme não seja correlacionada conceitualmente com a noção de Estrutura.

Nesse sentido, foi com a noção de *A Priori Histórico* tal como aparece em *As Palavras e as Coisas* e posteriormente em *A Arqueologia do Saber*, que tona possível estabelecer um paralelo entre a Arqueologia dos Saberes e a versão de um Estruturalismo-Histórico por parte de Michel Foucault em seus trabalhos nos anos sessenta. As descrições epistêmicas realizadas pelo filósofo através de sua arqueologia, foram feitas a partir de uma referência ofertada pelas condições históricas de organização de um espaço para os saberes no pensamento ocidental, isto é, a Episteme aproxima-se conceitualmente mais de um *A Priori Histórico* para os discursos, e menos de uma *Estrutura para a determinação dos saberes*.



Em *As Palavras e as Coisas*, o filósofo não procurou com suas descrições arqueológicas revelar um modelo estrutural para a determinação dos saberes que pudesse explicar o campo epistemológico em diferentes épocas como realidade estruturada, mas sim, as condições históricas presente nas relações discursivas *A Priori* para os objetos que aparecem no campo dos saberes.

Paul Veyne também reconheceu a qualificação conceitual de “*A priori Histórico*”, com o interesse em assimilar um efeito temporal de sucessão a Episteme. Isto é, a Episteme compreendida como um “*A Priori Histórico*” representa o espaço epistemológico para a organização das regras que instituem e excluem os discursos possíveis de acontecer.

O A Priori Histórico não escapa à historicidade: não constitui, acima dos acontecimentos, e em um universo inalterável, uma Estrutura intemporal: define-se como o conjunto das regras que caracterizam uma prática discursiva: ora, essas regras que não se impõem do exterior aos elementos que elas correlacionam (como numa Estrutura): estão inseridas no que ligam: e se não se modificam com o menor dentre eles, os modificam, e com eles transformam em certos limiares decisivos. O A Priori Histórico não é somente um sistema de dispersão temporal; ele próprio é conjunto transformável. (Foucault, 2007, p.145)

A delimitação conceitual sobre a Episteme que permite a aproximação com a noção de um *A Priori Histórico* e *não de uma Estrutura*, pode ser reconhecida de acordo com o filósofo pela descrição de um objeto de pesquisa representado como próprio *conjunto transformável* de dispersão dos discursos, posto por uma perspectiva histórico-filosófica que problematizou as reais condições históricas para o aparecimento dos saberes, “*Nada, pois, seria menos exato, que conceber esse a priori histórico (Episteme) como um a priori formal (Estrutura) dotado de uma história imóvel e vazia (...)*” (Foucault, 2007, p.145).

Dessa maneira, o que se visou com a noção de Episteme como um *A Priori Histórico*, foi mostrar por como foram os modos de ruptura, de articulação e coexistência das regras para organização entre os enunciados produzidos em diferentes formações discursivas sobre saberes como, as ciências, a literatura e a filosofia. Portanto, a noção de Episteme, define o espaço onde ocorre a reunião e a dispersão dos sentidos-significativos dos discursos sobre tudo aquilo que possa ser pensado e discursivizado, como também, quanto aos discursos e saberes do por-vir, *os quais ainda poderão emergir e acontecer, ao menos por um instante* (Foucault, 2011), através da ruptura e reorganização histórica da “*estrutura epistemológica*”.



Conclusão: o estruturalismo como método histórico-epistemológico para uma arqueologia dos saberes

Após a delimitação do interesse de Michel Foucault em participar do programa estruturalista através da introdução do conceito de Episteme como um *A Priori Histórico*, e não como uma Estrutura, o objetivo nesse item conclusivo é mostrar o “movimento” teórico-metodológico de Foucault ao introduzir o método *arqueológico* como um procedimento de pesquisa correlato a nível *metodológico* das análises estruturalistas.

Michel Foucault, em *As Palavras e as Coisas*, esteve motivado pelo interesse de realizar uma história (arqueologia) dos discursos sobre as ciências através de uma abordagem *descontínua*, isto é, mostrar as relações discursivas que fizeram aparecer e desaparecer os saberes que resultaram no surgimento do *homem*, das *ciências humanas* e do *Estruturalismo*. Para realizar essa tarefa, o arqueólogo dos saberes pôde descrever exclusivamente conjuntos de relações histórico-discursivas (*enunciados*) entre os saberes *científicos, filosóficos e literários* produzidos pela cultura ocidental entre três Epistemes. Com essa temática definida para análise arqueológica, Michel Foucault mostrou como foram constituídas historicamente as diferentes formações discursivas dos saberes ocidentais através do “arranjo” estrutural das *relações posicionais estabelecidas historicamente e topologicamente* entre os discursos dos saberes que compõem determinada *Episteme*.

Dessa maneira, a partir da distinção que apresentamos como diferença teórica e metodológica entre o *Estruturalismo Linguístico* e a *Arqueologia dos Saberes* posta pela distância conceitual entre *Estrutura Linguística* e *Episteme*, vamos mostrar nesse item, levando em consideração que o Estruturalismo na abordagem foucaultiana parte de um fundamento histórico a partir da objetivação da noção de Episteme: *Como Michel Foucault desenvolveu em sua arqueologia dos saberes uma prática de pesquisa em nível teórico-metodológico próximo (epistemologicamente) ao Estruturalismo?*.

Em uma entrevista em 1967, Michel Foucault delimita o objetivo de sua pesquisa e a proposta metodológica empregada em *As Palavras e as Coisas*. De acordo com o próprio filósofo, essas descrições foram possíveis de serem praticadas a partir da introdução de uma metodologia e de uma linguagem estruturalista em domínios como o da história das ideias e das ciências (Foucault, 2014, p.60).

O que tentei fazer foi introduzir análises de estilo estruturalista em domínios dos quais elas não haviam penetrado até o presente, ou seja, no domínio da história das ideias, da



história dos conhecimentos, da história da teoria. Nessa medida, fui levado a analisar em termos de estrutura o nascimento do próprio estruturalismo. (Foucault, 2011, p.62)

A citação acima corresponde a uma espécie de resumo geral do livro de 1966, Foucault fez uma referência com relação aquilo que ele havia feito, tanto do ponto de vista metodológico, como também, com relação a um dos objetivos que sua análise o conduziu em *As Palavras e as Coisas*. Dessa forma, não foram poucos os comentadores dos escritos e do pensamento de Michel Foucault que procuram ler em seu trabalho arqueológico aspectos e características que permitiram o reconhecimento de desenvolvimento de análises estruturais-epistemológicas durante suas histórias arqueológicas (Deleuze, 1974) para fazer uma história das ciências sobre o próprio Estruturalismo.

Durante a pesquisa arqueológica desenvolve-se uma prática analítica - descritiva semelhante a uma análise estruturalista a partir de *uma técnica para isolar determinadas relações discursivas*³ (Dreyfus e Rabinow, 2010, p. XXIII), que sejam correlativas e possam *compor um quadro, ou uma série* entre os *discursos* deixando em relevo *as mudanças nas regras estruturais* para organização dos discursos no decorrer do tempo. (Foucault, 2013, p. 299)

Assim, o filósofo pôde *fazer do Estruturalismo um duplo* em *As Palavras e as Coisas*. Isto é, na medida em que ao mesmo tempo que o interesse pelo estruturalismo como mostramos representou um dos objetos de sua pesquisa, tendo em vista que o estruturalismo correspondeu a uma etapa contemporânea para a história das ciências, somou-se o interesse em compor um método híbrido de pesquisa entre o Estruturalismo e a Epistemologia, para realizar uma *arqueologia* sobre saberes com a introdução no campo da história de uma análise histórico-estrutural que fosse capaz de mostrar as rupturas e transformações epistemológicas que ocorrem de maneira descontínua na história das ciências.

Com essa técnica empregada na abordagem descritiva dos discursos, pode-se conhecer os “limites” entre as formas de linguagem que delimitaram a existência histórica das diferentes epistemes. Ou seja, é no espaço limiar, onde ocorrem as transformações a partir das mudanças linguísticas-epistêmicas, que podem ser encontrados e isolados os conteúdos discursivos para uma análise *estrutural-histórica* das transformação, mudanças e rupturas para aparecimento de uma nova ordem para o saber.



Portanto, diante das circunstâncias metodológicas e temáticas expostas, torna-se possível considerar Michel Foucault como um praticante de um estilo singular de análise estrutural, isto é, momentaneamente ao desenvolvimento de sua pesquisa arqueológica o estruturalismo pode lhe servir como componente metodológico a partir de uma temática disponibilizada pela história das ciências, para mostrar o aparecimento do próprio estruturalismo ao campo dos saberes em *As Palavras e as Coisas*. (Foucault, 2007)

Notas

¹Professor pelo departamento de história da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Estagiário no programa nacional de pós-doutorado pelo departamento de história da Universidade Estadual de Londrina.

²“O que tentei fazer foi introduzir análises de estilo estruturalista em domínios dos quais elas não haviam penetrado até o presente, ou seja, no domínio da história das ideias, da história dos conhecimentos, da história da teoria”. Cf: Foucault, Michel. *A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”*. In: *Ditos e Escritos*, volume II. *Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento*. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011. p.59.

³Para Dreyfus e Rabinow o interesse de Michel Foucault pelo Estruturalismo se justifica na prática de suas próprias descrições discursivas do período arqueológico, no qual seu interesse estava centrado na “análise de sistemas institucionais e práticas discursivas historicamente e estruturalmente situado”. Cf: Dreyfus, Hubert e Rabinow, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Editora: Forense Universitária. 3º Edição. 2010. p. XXIII.

Referências

Canguilhem, George. “Le rôle de l'épistémologie dans l'historiographie scientifique contemporaine”. In: *Ideologie et rationalité dans l'histoire des sciences de la vie*, 1973.

Canguilhem, George. *Gaston Bachelard et les Philosophes*. In: *Études d'histoire et de Philosophie des Sciences*.

Canguilhem, George. “L'objet de l'histoire des sciences”. In: *Études d'histoire et de philosophie des sciences*. Paris: Vrin, 1994.

Deleuze, Gilles. *Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo?* Chatelet, François. *História da Filosofia: Idéias e Doutrinas*, volume 8, *O Século XX*. São Paulo. Zahar Editora. 1974.

Dosse, François. *História do Estruturalismo. O campo do Signo*. Bauru. Editora: Edusc. 2007.



- Dreyfus, Hubert, e, Rabinow, Paul. Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. 3º Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- Eribon, Didier. Michel Foucault, 1926 – 1984. São Paulo. Editora. Cia das Letras. 1989.
- Foucault, Michel. Retornar a História. In: Ditos e Escritos, volume II. Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2013.
- Foucault, Michel. A Vida: A Experiência e a Ciência. In: Ditos e Escritos volume 2, Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 3º Edição. 2013.a.
- Foucault, Michel. Linguística e Ciências Sociais. In: Ditos e Escritos, volume II. Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2013.
- Foucault, Michel. Estruturalismo e Pós estruturalismo. In: Ditos e Escritos volume 2, Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 3º Edição. 2013.
- Foucault, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. In: Ditos e Escritos, volume II. Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2013.
- Foucault, Michel. Michel Foucault Explica seu Último Livro. In: Ditos e Escritos volume 2. Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 3º Edição. 2013.
- Foucault, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: Ditos e Escritos volume 6, repensar a Política. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1º Edição. 2013.
- Foucault, Michel. Entrevista com Madeleine Chapsal. In: Ditos e Escritos, volume VII. Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011.
- Foucault, Michel. As Palavras e as Coisas. São Paulo. Editora: Martins Fontes. 2007.
- Foucault, Michel. História da Loucura. São Paulo. Editora: Perspectiva. 1997.
- Foucault, Michel. A Arqueologia do Saber. 7º Edição. Rio de Janeiro. Editora: Forense Universitária. 2007.
- Gregolim. Maria do Rosário. Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos e duelos. São Carlos. Editora: Claraluz. 2006.



Jaquet, Gabriela Menezes. A condução de si e dos outros através de uma acontecimentalização da história em Michel Foucault. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2016.

Machado, Roberto. Foucault: A Ciência e o Saber. 3ª Edição. Editora: Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2006.

Madarasz, Norman R.; Jaquet, Gabriela M.; Fávero, Daniela N.; Centenaro, Natasha (Orgs.). Foucault: leituras acontecimentais. [recurso eletrônico] / Norman R. Madarasz, Gabriela M. Jaquet, Daniela N. Fávero, Natasha Centenaro (Orgs.) - Porto Alegre, RS: Editora: Fi, 2016.

Revel, Judith. Foucault. Un Pensamento de lo descontínuo. Buenos Aires. Editora: Amorrortu. 2010.

Safatle, Wladimir. Literatura como contraepisteme: o lugar da experiência literária na arqueologia foucaultiana do saber. In: O mesmo e outro, 50 anos de História da Loucura. (Orgs) Salma Tannus Muchail, Márcio Alves da Fonseca, Alfredo Veiga – Neto. Belo Horizonte. Editora: Autêntica. 2011.

Vallejo, Mauro. Michel Foucault y el estructuralismo: un sacerdocio apócrifo. In: Vallejo, M. & Rodríguez, F. El estructuralismo en sus márgenes. Ensayos sobre críticos y disidentes: Althusser, Deleuze, Foucault, Lacan y Ricoeur. Buenos Aires: Ediciones del Signo. 2011.

Veyne, Paul. Foucault, seu pensamento, sua pessoa. Editora: Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2011.

Yasbek. André Constantino. Itinerários cruzados: Os caminhos da contemporaneidade filosófica francesa nas obras de Jean – Paul – Sartre e Michel Foucault. Tese de Doutorado apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2008.